

Reflexão sobre o impacto das poesias de Agostinho Neto: Havemos de voltar e adeus a hora da largada na construção de uma Angola Independente

Eduardo David Ndombele *

ORCID iD

<https://orcid.org/0002-5832-6391>

Lucrécia José dos Santos Paca **

ORCID iD

<https://orcid.org/0000-0003-1679-0759>

Resumo: O presente estudo sobre o papel da poesia de Agostinho Neto, no combate ao colonialismo para construção de uma Angola independente enquadra-se no âmbito de uma pesquisa bibliográfica, tipificada na pesquisa descritiva cujo objetivo principal, consistiu em demonstrar o impacto das poesias de António Agostinho Neto antes da conquista de independência nacional em Angola e em vários outros países africanos colonizados pelos portugueses. A hipótese inicial estrutura-se no fato de que a poesia de Neto seja um instrumento para o combate contras as peripécias do colonialismo desse modo a escrita é vista como uma arma de luta logo estamos diante de um texto literário engajado.

Palavras-chave: Poesia; Agostinho Neto; Havemos de voltar; Adeus a hora da largada; Angola.

Reflection on the impact of Agostinho Neto's poems: We have to go back and say goodbye to the start of construction of an Independent Angola.

Abstract: The present study on the role of Agostinho Neto's poetry, in the fight against colonialism for the construction of an independent Angola, fits within the scope of a bibliographical research, typified in the descriptive research whose main objective was to demonstrate the impact of the poetry of António Agostinho Neto before the conquest of national independence in Angola and in several other African countries colonized by the Portuguese. The initial hypothesis is structured on the fact that Neto's poetry is an instrument for the fight against the ups and downs of colonialism in this way writing is seen as a weapon of struggle as soon as we are faced with an engaged literary text.

Keywords: Poetry; Agostinho Neto; we shall return; goodbye to departure time; Angola

* Doutorando em Inovação Educativa na Universidade Católica de Moçambique, Professor Auxiliar do Instituto Superior de Ciências da Educação do Uíge, Chefe de Departamento de Ensino e Investigação de Letras Modernas e Ciências Sociais do ISCED-Uíge.

** Mestre em Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa. Departamento de Ensino e Investigação de Letras Modernas e Ciências Sociais do ISCED-Uíge.

Ukucamngca ngefuthe lemibongo ye-Agostinho Neto: Kufuneka sibuyele emva kwaye sithethe kakuhle ekuqaleni kokwakhiwa kwe-Angola eZimeleyo.

Uphononongo lwangoku malunga nendima yembongo ka-Agostinho Neto, ekulweni nekoloniyalizim ukwakhiwa kwe-Angola ezimeleyo, iwela ngaphakathi kwendawo yophando lwebhayibhili, efanekiselwa kuphando oluchazayo olona njongo iphambili yayikukubonisa impembelelo isihobe sika-António Agostinho Neto ngaphambi kokutshatyalaliswa kwenkululeko yesizwe e-Angola nakwamanye amazwe amaninzi ase-Afrika aphethwe yiPutukezi. Inqikelelo yokuqala isekwe kwinto yokuba isihobe sikaNeto sisixhobo sokulwa ukuguquguquka kobukolonyali.

Amagama angundoqo: Isihobe; Augustine Neto; siya kubuya; ndlela-ntle kwixesha lokuhamba; Angola.

Introdução

O presente artigo surge no quadro das comemorações do centenário de António Agostinho Neto, como forma de prestar-se o nosso tributo aquele que proclamou a independência nacional em Angola e pela forma como despertou a consciência do nacionalismo nos angolanos através das suas poesias. Aliás não é de forma fortuita que Neto é visto como a personagem política mais influente na segunda metade do século XX., um dos mais importantes escritores da literatura angolana, marcou a literatura mundial através das suas poesias contidas no livro de Sagrada Esperança com mais de 50 poemas escritas no período de 1945 e 1960 onde Neto procurou despertar a consciência dos angolanos e dos africanos em geral sobre as atrocidades cometidas pelos colonizadores.

Agostinho Neto foi o fundador da Nação angolana, foi médico de profissão nasceu à 17 de Setembro de 1922, filho de pais cristãos, nomeadamente Agostinho Pedro Neto, pastor da Igreja Metodista, casada com a professora primária Maria da Silva Neto. Durante a sua fase juvenil começou o seu dirigismo enquanto presidente do Centro Evangélico da Juventude Angolana. O seu percurso histórico para o estrangeiro é marcado a partir de 1944 quando chega à Lisboa durante a sua estadia, participou em vários movimentos culturais e literários na Casa dos estudantes do império e no Clube Marítimo Africano. Na política, pertencia a MUD Juvenil. Em 1955 é preso e condenado por dezoito meses de prisão na cadeia do Porto. Em 1957 é posto em liberdade, permitindo-lhe concluir os seus estudos com o grau de licenciatura na Universidade de Medicina de Lisboa em 1958.

Voltou em Angola no ano de 1959, tendo aberto o seu consultório de medicina em Luanda e, ainda na clandestinidade iniciou a sua actividade política que culminou com a sua ascensão para a presidência do Movimento popular de Libertação de Angola (MPLA)

Eduardo D. Ndombele, Lucrécia José dos S. Paca, Reflexão sobre o impacto das poesias de... em 1962, em Leopoldville . Foi o primeiro Presidente da Republica Popular de Angola de 1975 a 1979. Falece no dia 10 de Setembro de 1979. Lembramos de acordo a visão de Chiquete (2020). Neto, representa uma “ruptura na Historiografia da Literatura Angolana: diferente de uma Literatura com discurso nativista e contra uma literatura colonial institucionalizada, isto a partir de 1926, antes promovidas por concursos dirigidos pela Agência Geral do Ultramar o autor acrescenta ainda que Neto cria a sua poesia alicerçada na esperança, cuja dimensão humanística atribui-lhe um relevo mosaico e sagrado, uma imagem de libertação dos cativos que honra a visão profética dos seus poemas para com o povo oprimido.

Para o desenvolvimento do presente artigo científico, usamos a pesquisa bibliográfica, que consiste em material já publicado, como: livros, revistas, jornais, teses, artigos e dissertações. A fim de podermos aprofundar melhor sobre o nosso tema, analisamos e fizemos leituras que dialogam com os poemas de Agostinho Neto.

Na primeira secção do artigo procedeu-se uma análise dos dois poemas de Agostinho Neto, contidos na sua obra sagrada esperança nomeadamente havemos de voltar e adeus a hora da largada. Na segunda secção a nossa abordagem fundamenta-se em iniciação da literatura de combate em Neto, seguiu-se depois as últimas considerações e as referências bibliográficas.

1. Análise dos poemas de Agostinho Neto

Havemos de voltar

Às casas, às nossas lavras

às praias, aos nossos campos

havemos de voltar

Às nossas terras vermelhas do café

brancas de algodão

verdes dos milharais

havemos de voltar

Às nossas minas de diamantes

ouro, cobre, de petróleo

havemos de voltar

Aos nossos rios, nossos lagos

às montanhas, às florestas

havemos de voltar

*À frescura da mulemba
às nossas tradições
aos ritmos e às fogueiras
havemos de voltar
À marimba e ao quissange
ao nosso carnaval
havemos de voltar
À bela pátria angolana nossa terra,
nossa mãe havemos de voltar
havemos de voltar
À Angola libertada
Angola independente*
(NETO, 1979, p.10)

Esse é um dos poemas mais conhecido pelo povo angolano e além fronteira Neto, demonstra nesse poema numa linguagem que lembra uma canção fazendo jogo de palavras a necessidade imperiosa de retorno as origens aos nossos costumes a nossa cultura , uma verdadeira afirmação da nossa identidade é uma carta de auto recusa de politicas assimilacionistas. Havemos de voltar enquadra-se dentro do pensamento panafricanista alicerçados nas teorias de William .du Bois, Frantz Fanon , Kwane N´Krumah e outros panafricanistas .

Lembrar que o processo de colonização em Angola durou cerca de 500 anos e causou um impacto negativo no tecido sociocultural dos angolanos. Na perspectiva de Muhongo (2019 apud kebanguiko,2016). A divisão da população das províncias ultramarinas era feita na base de duas classes: os Assimilados e os Indígenas. Deste modo eram considerados indígenas: todos os indivíduos de raça negra ou seus descendentes nascidos e vivendo habitualmente nas províncias de Angola, Guiné e Moçambique que não possuíam ainda hábitos individuais e sociais para a integral aplicação do direito público e privado do cidadão português em outras palavras, um indígena era um africano, ou descendentes de africanos, governado por costumes nativos, que ainda não tinha sido promovido a um nível cultural ou grau de civilização que lhe permitisse reger- se pelas mesmas leis que os cidadãos portugueses. O objetivo da

Eduardo D. Ndombele, Lucrecia José dos S. Paca, Reflexão sobre o impacto das poesias de... política indígena era integrar os africanos na nação portuguesa, tentando respeitar, pelo menos em teoria, a cultura e as leis africanas, (Pélissier 2009, Apud Muhongo, 2019).

A legislação portuguesa sob administração de Norton de Matos, dava a possibilidade de transição da categoria de indígena á de assimilado, passando assim a condição de cidadão português e adquirir uma cidadania, mas para que este efeito se cumprir o nativo tinha que obedecer alguns requisitos tais como: ser maior de 18 anos; falar corretamente a língua portuguesa; exercer profissão de arte ou ofício, de que auferia rendimento necessário para o sustento próprio e das pessoas de família a seu cargo; ter bom comportamento e ter adquirido a ilustração e os hábitos pressuposto para a integral aplicação do direito público e privado dos cidadãos portugueses.

Em havemos de voltar Agostinho Neto explicita a exaltação de uma identidade que o colonialismo tentou durante séculos apagar da memória dos angolanos. As construção dos estrofes do poema demonstram uma noção de pertença e de apreço ao património:

*Às nossas terras vermelhas do café
brancas de algodão
verdes dos milharais
havemos de voltar*
(NETO, 1979, p.10)



Ferreira, (2012) descreve o poema de Agostinho Neto, nos seguintes termos: O poema sinaliza uma volta às origens, ou seja, uma celebração de todas as riquezas africanas. O sujeito poético reforça o sentimento de união (ênfatisado pelo uso do pronome possessivo “nosso”), de construção de uma identidade frente a uma nação consumida por anos de opressão e de apagamento de suas tradições. Celebram-se as tradições de seu povo, oprimidas pelo colonizador, destacando, assim, a redescoberta dos valores culturais angolanos:

*À frescura da mulemba às nossas
tradições aos ritmos e às fogueiras
havemos de voltar.
À marimba e ao quissangue ao nosso carnaval
havemos de voltar.*

(NETO, 1979, p. 10)

A noção de identidade cultural e os elementos que a constituem principalmente a língua, o espaço territorial a religião e outros elementos conexos são frequentemente invocados no poema de Neto para justificar o valor da nossa identidade cultural constitui uma das formações psicossociais resultantes de tal categorização. A noção de identidade cultural é objeto do poema havemos de voltar. É somente percebendo o outro como diferente de nós que a consciência da identidade pode nascer. A percepção da diferença do outro constitui, em primeiro lugar, a prova da própria identidade: “Ele é diferente de mim, logo sou diferente dele, logo existo”.

Contextualizando Santos (2005) explica que Agostinho Neto, foi um dos primeiros escritores angolanos a lançar mão do símbolo da Mãe-África como elemento de identificação com a terra angolana e o continente africano. “Adeus à hora da largada”, poema em que a simbologia do termo apresenta várias definições dentro do contexto histórico-político-social em que foi produzido. Referindo-se a esse poema, esclarece que em nossos dias impressiona a profética voz de há um quarto de século, em que o sujeito de enunciação se assume como um eu colectivo, exprimindo-o criativamente



Adeus à hora da largada

Minha Mãe

(todas as mães negras

cujos filhos partiram)

tu me ensinaste a esperar

como esperaste nas horas difíceis

Mas a vida matou em mim essa mística esperança

Eu já não espero sou aquele por quem se espera

Sou eu minha Mãe

a esperança somos nós os teus filhos

partidos para uma fé que alimenta a vida

Hoje somos as crianças nuas das sanzalas do mato

os garotos sem escola a jogar a bola de trapos

nos areais ao meio-dia somos nós mesmos

os contratados a queimar vidas nos cafezais

os homens negros ignorantes

que devem respeitar o homem branco

*e temer o rico somos os teus filhos
dos bairros de pretos
além aonde não chega a luz elétrica
os homens bêbedos a cair
abandonados ao ritmo dum batuque de morte
teus filhos com fome
com sede com vergonha de te chamarmos Mãe
com medo de atravessar as ruas
com medo dos homens nós mesmos
Amanhã entoaremos hinos à liberdade
quando comemorarmos
a data da abolição desta escravatura
Nós vamos em busca de luz
os teus filhos Mãe
(todas as mães negras
cujos filhos partiram)
Vão em busca de vida.*

(NETO, 1979, p. 9-10)



A hora da largada é um poema que transmite aos angolanos e não só as emoções e as imagens que caracterizaram o locutor lírico e o período que Angola vivia antes da independência em 1975 é notável atitude lírica do poeta atendendo a forma de expressar ideias e a descrição da realidade que apresenta fazendo recurso fónico, semântico e recursos baseados em similaridades

Minha Mãe

*tu me ensinaste a esperar
como esperaste nas horas difíceis.
Mas a vida matou em mim essa mística esperança
Eu já não espero sou aquele por quem se espera*

(NETO, 1979, p. 9)

Nota-se que nesse poema de Agostinho Neto, “Adeus a hora da largada”, o autor procura estabelecer um diálogo aberto sem rodeios com os seus compatriotas fazendo recurso a expressão de afecto “Mãe” com uma simbologia extensa e muito significativa

Eduardo D. Ndombele, Lucrécia José dos S. Paca, Reflexão sobre o impacto das poesias de... representando desse modo a origem e a maternidade. Essa conversa com mãe estabelecer uma conversa com seu país (Angola), apontando alguns efeitos da colonização.

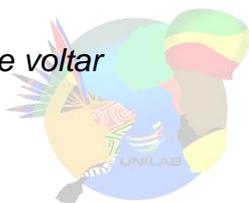
Santos (2007) no seu estudo sobre representações da mãe-áfrica na literatura angolana, esclarece que a invocação da Mãe-África foi um canto comum cantado em coro pelos poetas angolanos a partir do Movimento Vamos Descobrir Angola, surgido em 1948 em Luanda. Essa Mãe era, ao mesmo tempo, mulher e terra, configurada nos mesmos padrões das Grandes Mães neolíticas, deusas da fertilidade e da fecundidade, e representava, no contexto angolano a nação angolana e o continente africano, numa perspectiva pan-africanista que concebia a África como a progenitora da raça negra.

A luta pela unidade nacional constitui um dos estandartes de Neto, estando o povo angolano sob dominação colonial a unidade expressa através da palavra “Mãe” deveria constituir uma das prioridades para o combate ao colonialismo. No poema anterior havemos de voltar Neto, enfatiza também a figura de mãe ao escrever:

À bela pátria angolana

nossa terra, nossa mãe havemos de voltar

(NETO, 1979)



Retomando Santos (2007) relembra que, o poema de Agostinho Neto, ao apresentar Angola como Mãe, caracteriza os seus filhos oprimidos que, mesmo sem se conhecerem, estão todos ligados pela fraternidade que une as comunidades imaginadas.

Comparativamente com outros poetas e estadistas de África a exemplo de Léopold Sédar Senghor que apresentava intenções poéticas completamente diferente dado que Senghor não se firmava na temática de independência contra administração colonial senão na teoria de negritude em que foi um dos fundadores e um forte defensor desse movimento político e literário. Lembrando que umas das célebres frases de Senghor: “a emoção é negra, tal como a razão é helénica”

2.Iniciação da literatura de combate em Neto

A literatura na sua função sociopolítica é usada como instrumento de combate contra os portugueses, a política, em primeira instância, foi substituída pela literatura, grandemente nas colónias portuguesas, mas esta luta não foi por acaso. Segundo

Eduardo D. Ndombele, Lucrécia José dos S. Paca, Reflexão sobre o impacto das poesias de... Orlando Piedade¹, escritor são-tomense, são categorizadas duas perspectivas como vias de estruturação do nacionalismo; o protonacionalismo e o nacionalismo. A primeira, tem a ver pela prática literária de luta pela independência de forma pacífica; a segunda via devia então ser formalizada pela luta armada:

Agostinho Neto destaca-se na sua poesia de combate, enquanto muitos intelectuais garantiam a sua permanência na Europa, Neto tem sido também apontado como um dos poucos jovens intelectuais que permaneceu na sua terra, vivendo todo drama ao lado das pessoas desfavorecidas nas estratificações sociais mais baixas. Como pode se ler em Laranjeira; Rocha, (2014, p. 225). “Neto não se isolou das grandes massas de angolanos que viviam fora dos centros urbanos” Assim, a poesia de Neto é aludida de forma despida

*Não me exijas glória²
que ainda transpiro
os ais dos feridos nas batalhas.
Não me exijas glorias eu o soldado desconhecido
da humanidade.*



(UEA, p.71)

Para Neto, atingir as honras sem que se alcance os objectivos não vale apenas ser confirmada, a mobilização sobre a busca da luz que ilumine a escuridão, uma demonstração simbólica de que a vida orientada pelos colonizadores é uma falsa imagem, pelo que a escuridão deve ser combatida para a defesa da pátria /Nós Vamos em busca da luz/os teus filhos Mãe/ A escuridão neste sentido é paralela a noite. Quando Manuel é levado para São Tomé como escravo, esta malsina poética, que objectivamente devia ser objecto de negação, visto que os escravos são levados além-mar para a realização de trabalhos esforçados, deixando a sua mulher, a sua pátria entristecida. Necessariamente a luz é simbologia de instrumento de criação de uma consciência lúcida como meio de revolta contra os contratantes: (UEA,2014)

*Não há luz
Não há estrelas no céu escuro
Tudo na terra é sobra*

¹ O papel da literatura na luta de libertação em África | 25 de Abril e Independências | DW | 22.05.2015/Acesso: 09.12.2021

² União dos Escritores Angolanos (2014, p.71).

Não há norte na alma da mulher

O sujeito poético reafirma o desejo de combater a escravidão, que durante séculos tentava provar que os negros são feitos homens escravos, homens que não sabiam fazer nada para além dos serviços a benefício aos seus senhorios. O homem branco invertia assim a concepção de que os africanos são preguiçosos, Neto vem desmentir esta crença, pedindo um combate serrado que desconstruísse esta prática que servia como meio de utilização e de manutenção da colonização. Em «O choro de África» esta tese é mais que evidente:

O choro de séculos inventado na escravidão em histórias de drama negros alma brancas preguiças e espírito infantil de África as mesmas mentiras verdadeiras nas suas bocas [...]

*Nós temos em nossas mãos outras vidas e alegrias.
Desmentidas nos lamentos falsos de suas bocas por nós!*
(UEA,2014, p 128)

Neto apresenta um discurso poético mais político e humanista. E, quando se particulariza para Angola, Neto diz aos seus compatriotas que o país é nosso, somos nós que temos de lutar para garantir a liberdade.

*É nossa! É nossa!³
xi ietu manu kolokota
kizuuu a ndo tu bomba
kolokotenu ...*

(UEA 2014, p.71)

Observa-se de forma evangélica, Neto faz recurso a excertos bíblicos que visasse no acordar do irmão adormecido:

*No silêncio sepulcral
das quatro paredes sem sol
lê na Bíblia oferta de esperança de sua mãe
Bem-aventurados os que têm fome
e sede de justiça porque deles será a pátria
e o amor do seu povo*

³ União dos escritores angolanos . (2014, p.71).

Portanto, é sem dúvidas que a literatura de combate para Neto tinha maior sonância no amor ao seu povo e a sua pátria para o alcance à independência, como escreveu Donald Burness citado por Laranjeira; Rocha, (2014, p. 237) “Agostinho Neto não escreveu muito sobre o amor individual que é um luxo; ele escreve sobre o seu amor pelo povo, sobre a sua terra e sobre a liberdade, ao contrário dos poetas da negritude francófona [...]”.

3. Reflexões conclusivas

O presente estudo permitiu uma aproximação à visão que Agostinho Neto tinha da Nação angolana, nas suas particularidades. Trata-se de uma aproximação de crítica literária, o que significa que serão sobretudo as obras poéticas, e não os discursos políticos, a fornecer matérias de análise à poesia da resistência nacional

Neto goza ainda, por isso, após quatro décadas da sua morte, e com justiça, de um estatuto de grande patriota, nacionalista, político, pai da nação, estadista de relevo, líder histórico, quer por todas as circunstâncias em que chega à chefia do partido, quer, posteriormente, do partido vencedor. Foi o primeiro Presidente da República de uma nova nação angolana, uma nação multicultural, coesa e unificada tal como ela é hoje, não obstante os obstáculos e dificuldades por que teve de passar ainda assim, a sua visão concretizou-se e o *slogan* «Um só Povo, uma só Nação» perdura e faz parte da identidade nacional angolana.

Embora ter sido curta a vida de António Agostinho Neto, deixou-nos uma rica produção literária. Deste modo, não obstante os seus poemas terem sido reunidos numa única obra, sagrada esperança seria impossível analisar toda a sua obra num artigo dessa dimensão.

Os poemas não apresentam a realidade vigente angolana, mas a realidade que deveria ser, ou seja, uma acção profética. A utopia da terra sonhada onde há sons harmoniosos ao invés de gritos desesperados, consciência e, conseqüentemente, um lugar mais justo. Essa é uma das características dos versos de Agostinho Neto. Os versos de seus poemas expõem esteticamente a ânsia e a raiva de um povo, analisando socialmente a situação histórica em que estavam imersos, referindo-se às aspirações, o desejo de mudança e a esperança desse povo. Neto não só fala do passado e do presente, mas também da busca incessante e da preparação para/de um futuro. (OLIVEIRA, 2014)

Referências

- AMADO, João. **Manual de investigação qualitativa em Educação**. 3.ed. Coimbra:Universidade de Coimbra, 2017.
- GUERRA, Eliane L. de Assis. **Metodologia de Pesquisa qualitativa**. Belo Horizonte. Anima, 2014.
- KANDJIMBO, Luís. Alumbu- **O Cânone Endógeno no Campo Literário Angolano: Para uma Hermenêutica Cultural**. Luanda, Mayamba, 2019.
- KANDJIMBO, Luís. **Ensaio para inversão do olhar da literatura angolana à literatura portuguesa**. Luanda. Mayamba, 2010.
- Gil, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- LARANJEIRA, Pires; ROCHA, Ana (org). **A Noção de Ser: Textos Escolhidos Sobre a Poesia de Agostinho Neto**. Luanda-Fundação Agostinho Neto, 2014.
- NETO, Agostinho. **Sagrada Esperança**. 9 ed. Lisboa: Sá da Costa, 1979.
- MUHONGO Marcelina Dulce. **Impactos da colonização portuguesa na educação em Angola: uma análise dos processos de assimilação e aculturação no período (1960 a 1974)**. Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. São Francisco do Conde, 2019.
- MARCONI. M. Andrade, LAKATOS. E. Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas S.A., 2003.
- MARTIN, V. L. "Luandino Vieira. Engajamento e utopia". In: SALGADO, Maria do Carmo SEPÚLVEDA; Maria Teresa. (Org.). **África e Brasil: letras em laços**. São Caetano do Sul: Yendis, 2006.
- MUANZA, Manuel. **Como se Lê um texto Literário**. Luanda. Mayamba. 2011.
- OLIVEIRA, Maxwell Ferreira. **Metodologia Científica: um manual para a realização de pesquisas em administração**. Universidade Federal De Goiás. Goiana/ UFG, 2011
- PRODANOV, C. Cristiano; FREITAS, E. Cesar. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Académico**. 2.ed. Rio Grande, 2013.

Eduardo D. Ndombele, Lucrécia José dos S. Paca, Reflexão sobre o impacto das poesias de...
PRODANOV. C. Cristiano; FREITAS. E. Cessar. **Metodologia do Trabalho Científico:**
Métodos e Técnicas do Trabalho Académico. 2.ed Ed.Feevale. Rio Grande do Sul, 2013.
UNIÃO DOS ESCRITORES ANGOLANOS. **Trilogia Poética:** Sagrada Esperança,
Renúncia Impossível e Amanhecer. Luanda, U.E.A, 2009.

Recebido em: 11/10/2022

Aceito em: 23/12/2022

Para citar este texto (ABNT): NDOMBELE, Eduardo David; PACA, Lucrécia José dos Santos. Reflexão sobre o impacto das poesias de Agostinho Neto: Havemos de voltar e adeus a hora da largada na construção de uma Angola Independente. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.3, nº1, p.111-123, jan.- jun. 2023.

Para citar este texto (APA): Ndombele, Eduardo David; Paca, Lucrécia José dos Santos. (jan./jun.2023). Reflexão sobre o impacto das poesias de Agostinho Neto: Havemos de voltar e adeus a hora da largada na construção de uma Angola Independente. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 3 (1): 111-123.

Njinga & Sepé: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njingaesape>